

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI)

Gestão da Informação científica: o Portal de periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Elaine Baptista de Matos Paula
Eneida de Oliveira
Paula Maria Abrantes Cotta de Mello

Rio de Janeiro
Dezembro de 2007

PAULA, Elaine B. M.; OLIVEIRA, Eneida de; MELLO, Paula Maria A. C de. O Portal de periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Trabalho aprovado para apresentação no 6º Congresso de Educação Superior a realizar-se em Havana em fevereiro de 2008.

Evidencia que os artigos de periódicos, como fonte de informação científica, são fundamentais nas universidades. A luz das tecnologias da informação, cresce o número de publicações periódicas em meio eletrônico. A UFRJ, como grande produtora de conhecimento edita regularmente 55 títulos em diversas áreas do conhecimento, de forma fragmentada e dispersa, dificultando sua absorção por toda a comunidade e o conhecimento global de sua produção. O Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) com o objetivo de identificar, reunir e divulgar os periódicos correntes, eletrônicos e impressos, editados na UFRJ em seus diversos campos de atuação criou o “Portal de Periódicos da UFRJ”- www.portaldeperiodicos.sibi.ufrj.br. Essa medida, além de propiciar uma visibilidade aos títulos, divulgar a produção acadêmica de forma organizada, reflete a ampla e interessante diversidade das linhas de pesquisa da UFRJ, registradas sob a forma de artigos de periódicos.

Introdução

A importância do periódico científico como fator de validação e disseminação de pesquisas tem sido uma certeza desde a sua criação no século XVII. A velocidade da transmissão da informação como um dos fatores facilitadores do desenvolvimento científico tem se mostrado determinante, também, para o aperfeiçoamento dos suportes desses transmissores de conhecimento. A necessidade de ferramentas que viabilizem, de forma democrática, a transmissão da informação no meio científico vem sendo uma preocupação constante daqueles que trabalham com a informação científica. Ao demonstrar a evolução dos meios de disseminação da informação, este trabalho aponta para a preocupação do profissional da informação de estar sempre atento para suprir, de forma eficaz, as necessidades informacionais daqueles que trabalham com a ciência.

Será por esse viés que analisaremos o Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estabelecendo-o como uma das ferramentas para disseminar e dar visibilidade à produção acadêmica da Universidade.

O periódico científico

O século XVII foi o século da Revolução Científica, que consagrou a Nova Filosofia (ou Filosofia Natural ou Filosofia Mecânica). Para Burke¹, a Revolução Científica compunha, juntamente com o Renascimento e o Iluminismo, as “revoluções intelectuais dos primórdios da Europa moderna”. Não por acaso, foi nesse século que surgiram os primeiros periódicos científicos, uma evolução das cartas trocadas entre os membros das recém-criadas sociedades científicas, que tiveram seu embrião nos “colégios invisíveis”. Alguns líderes desse movimento, acreditando que as universidades eram fechadas e não permitiam a proliferação das discussões, propunham que os debates utilizassem o saber prático aliado ao teórico. De acordo com Burke², alguns historiadores da ciência, como Martha Ornstein, argumentam que as sociedades científicas foram criadas para se contrapor às universidades e ao seu monopólio do saber acadêmico e teórico. Na visão deles, a universidade se opunha ou pouco fazia para estimular o debate e o desenvolvimento dessa “nova filosofia” que seria a base do empirismo e do método indutivo na Inglaterra e do enciclopedismo francês. Nesse terreno fértil de novas idéias e de uma nova filosofia, os periódicos exerceram um papel de grande importância, pois desde seu início foram utilizados como um meio de disseminar, validar e estimular as pesquisas e os debates entre os membros desses “lugares e bases de cultura”, como os denominava Bacon³.

O primeiro periódico⁴ foi publicado em janeiro de 1665 na França, sendo chamado inicialmente de *Journal de Sçavants* e mais tarde renomeado “*Journal des Savants*”. Em março do mesmo ano, a *Royal Society of London* publica o *Philosophical Transactions*⁵. Enquanto o *Journal de Sçavants* publicava relatórios científicos de pesquisas e observações de vários ramos do saber, além de resenhas de livros e notícias necrológicas, o *Philosophical Transactions* dedicava-se

¹ BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 22.

² Ibidem, p. 43.

³ Ibidem, p. 47.

⁴ Existe uma vasta bibliografia de excelente qualidade sobre a história do periódico científico como os artigos escritos por Miranda e Simeão, por Maria Helena Freitas, por Solange Puntel Mostafa, por Miranda e Pereira, por Harter e Kim. Ver as referências completas no final do trabalho.

⁵ NE:O uso da palavra *Philosophical* no título do “*Philosophical Transactions of the Royal Society of London*” deriva da frase *natural philosophy* que equivale ao que chamamos atualmente de *science*. Note que, até hoje, nos países de língua inglesa, o mais alto grau em ciência é chamado de *Doctor of Philosophy (PhD)*

exclusivamente a assuntos científicos e, para alguns, foi o protótipo do periódico científico. Esse tipo de publicação, vinculado, em sua maioria, às instituições científicas, começou a se espalhar pela Europa na mesma proporção de suas mantenedoras. Outros fatores que podemos apontar como determinantes para a expansão dos periódicos foram a disseminação da imprensa e a utilização da celulose no processo de fabricação do papel, tornando-o mais barato.

A popularização da imprensa foi responsável por outra função exercida pelos periódicos científicos, que traziam, também, as resenhas de livros, os quais, nessa época, passaram a ser publicados em um número cada vez maior, inviabilizando a leitura de tudo que era editado. Assim, essa seção possibilitava uma seleção prévia, indicando a pertinência, ou não, de determinada aquisição e leitura de todo um novo livro; essa função se mantém ainda hoje em grande parte das revistas científicas.

Foram necessários três séculos para que os periódicos científicos chegassem à forma que conhecemos atualmente. A consolidação definitiva ocorreu somente no século XIX, embora suas funções essenciais como veículo de validação e comunicação científica não tivessem sido alteradas. Em seu artigo “Passado e futuro das revistas científicas”, Stumpf⁶ assinalou que artigos publicados nos primeiros periódicos “eram considerados como formas provisórias de comunicação sendo sempre a forma monográfica a preferida para o registro definitivo da ciência. A visão de que cada observação ou experimento forma uma unidade por si mesmo, só começou a ter aceitação no século XVIII.” Nos séculos posteriores ao aparecimento dos periódicos científicos, o mundo se transformou de uma maneira nunca vista. As ciências evoluíram e junto com elas as sociedades. Foram os séculos da Revolução Industrial, dos grandes movimentos sociais, das revoluções burguesas e das alterações da cena política, sobretudo na Europa e nas Américas. Ao lado de todas essas mudanças, e disseminando-as, estavam as revistas científicas, que mostraram ser o veículo capaz de acompanhar com mais rapidez esse turbilhão social, político e científico. Assim, vemos no século XVIII os periódicos começando verdadeiramente a se especializar, como afirma Lemos:⁷

“[...] verifica-se que a informação científica passa a ter uma forma fragmentária, pois vão desaparecendo paulatinamente os grandes tratados, os livros de teses, em que se relatavam anos de experiências. A noção de sistema acabado e completo passa a ser substituída pela de análise parcelada, em profundidade, de áreas bem delimitadas. A síntese já não é mais obra de um homem só, mas o acúmulo de experiências de cientistas diversos, trabalhando em lugares diferentes, mas valendo-se de materiais e métodos cada vez mais padronizados, buscando resposta a problemas confluentes, evitando a duplicação de tarefas, em verdadeira obra coletiva internacional.”

Se fizermos uma análise comparativa entre os avanços tecnológicos alcançados pela humanidade, considerando a velocidade em que eles ocorrem, e a evolução dos veículos de disseminação da informação, percebemos que quanto mais rápido a informação transita mais rápido se dão os avanços científicos. Em outras palavras, parece existir uma relação direta entre o desenvolvimento científico e a aceleração da velocidade em que se dá o ciclo da informação – produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação. Esse paralelismo se

⁶ STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. *Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, 1996 www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=846&article=504&mode=pdf acessado em 22 out. 2007.

⁷ LEMOS, Briquet. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Braziliense*, Brasília 13 jul. 1968, Caderno Cultural, p. 3. Disponível em http://www.briquetdelemos.com.br/briquet/briquet_lemos6.htm. Acessado em: 26 out. 2007

intensifica ao estudamos o século XVII, período em que houve uma mudança na maneira de pensar e fazer ciência e que foi também o momento do surgimento das primeiras revistas científicas. Da mesma forma, ao verificarmos que nos séculos XVIII e XIX, nos quais aconteceram a Revolução Industrial (em seus dois momentos), ou como preferem alguns historiadores, Primeira Revolução Industrial (séc.XVIII) e a Segunda Revolução Industrial (séc. XIX) e que foram séculos de grandes avanços tecnológicos na área da comunicação: o telégrafo no século XVIII, o telefone e o rádio no século XIX e a época da consolidação das revistas científicas. No entanto, essa análise não deve se ater ao campo científico, pois após a Revolução Industrial todo o modo de vida conhecido até então começa a se modificar. A explosão demográfica das cidades e o abandono sistemático do campo formando cinturões de pobreza, fato agravado pela exploração da mão de obra, foram alguns dos fatores responsáveis pela eclosão das revoluções burguesas, sendo a principal a Revolução Francesa (séc. XVIII) e as Revoluções de 1848 ou a Primavera dos Povos. Também tem início o processo de independência das colônias européias nas Américas, tendo os Estados Unidos da América se tornado independente do Império Britânico ainda no século XVIII.

Essa relação torna-se mais tangível quando percebemos que no século XX esses avanços são muito mais velozes, e a proliferação da informação, mais intensa. E, ao final da Segunda Guerra Mundial, esse fenômeno começa a se transformar em um problema a ser resolvido. Vannevar Bush, em seu artigo *As we may think*, de 1945, sintetizou a problemática da “explosão da informação”⁸ para se referir ao crescimento praticamente incontrolável da informação. Embora não se saiba, ainda, o número exato de publicações periódicas existentes atualmente no mundo e existam divergências sobre a proporção em que ocorrerá o crescimento desse tipo de publicação nos próximos 10 ou 100 anos, é incontestável que o fenômeno da explosão da informação vem se intensificando em uma sociedade não mais industrial, mas da informação. Esse problema, já diagnosticado na década de 60 por Lemos⁹, fica claro em sua afirmação:

“A explosão da informação poderá estar levando a ciência a um beco sem saída. Teme-se que os cientistas de amanhã, a persistir a tendência atual, estarão afogados num oceano de papéis. Admite-se até que seria então mais barato duplicar uma pesquisa científica do que investir dinheiro em buscas bibliográficas, com a finalidade de saber se essa pesquisa já teria sido realizada.”

Se essa afirmação de Lemos era verdadeira em 1968, quando a grande rede internacional de computadores esboçava seu início, ainda precário e limitado, atualmente ela é quase um pesadelo para pesquisadores e profissionais da área da Ciência da Informação. O grande desafio com o qual nos deparamos atualmente é como fornecer a informação necessária sem “afogar” o pesquisador que dela tanto necessita.

Porém, ainda que o número de revistas científicas tenha proliferado nos últimos quatro séculos, não podemos dizer que isso ocorreu de forma igualitária no mundo inteiro. O alto custo do periódico impresso inibe a publicação nos países mais pobres. Em muitos casos, o custo é inviável tanto para o editor quanto para o

⁸ ALMEIDA, Carlos C. de; BASTOS, Flavia Maria; BITTENCOURT, Fernando. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. *Revista Eletrônica Informação e Cognição*, v.6, n.1, p.68-89, 2007. Disponível em www.portalppgci.marilia.unesp.br/reic/include/getdoc.php?id=213&article=63&mode=pdf. Acessado em 4 nov. 2007.

⁹ LEMOS. Op.cit.

assinante. Segundo Lemos,¹⁰ estudos demonstram um aumento no preço da assinatura em 58% na Inglaterra (entre 1998 a 2003) e 273% nos Estados Unidos (entre 1986 a 2004).

Se essa realidade tem afetado os países desenvolvidos, que nas últimas décadas têm alocado parte considerável de suas verbas ao fomento de pesquisas, esse problema torna-se quase intransponível para aqueles em que os recursos destinados às instituições voltadas para a pesquisa são poucos. Eles não lutam apenas para a manutenção da assinatura das revistas, mas, também, para que possam produzir e disseminar as informações.

Existem barreiras quase intransponíveis que impedem ou, pelo menos, dificultam a entrada dos países mais pobres nessa “elite científica”. Harter e Kim¹¹ incluem o processo de *peer review* como um fator de supressão de novas idéias e de favorecimento aos autores pertencentes a instituições consideradas de prestígio, de acordo com critérios de avaliação determinadas, na maioria das vezes, por integrantes dessa mesma elite. Acrescido a isso, o processo de avaliação de artigos pelos pares atrasa excessivamente a publicação da revista. Miranda e Pereira¹² corroboram essa visão, ao destacar o problema em seu artigo “O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura”: “Bourdieu e Magala mostram que a comunidade científica apresenta-se [...] engajada em uma luta concorrencial na qual está em jogo o monopólio da autoridade científica, considerada ao mesmo tempo como capacidade técnica (competência) e poder social (reconhecimento, *status*, origem social).”¹³

Outro fator de crítica aos periódicos científicos impressos é apontado por Muller¹⁴, que coloca o idioma como fator inibidor para que os periódicos não publicados em inglês sejam aceitos internacionalmente, acarretando mais uma vez a dificuldade de divulgação das pesquisas de cientistas e das idéias de intelectuais que escrevem em seus idiomas nacionais.

A rede mundial de computadores

As guerras, tanto as declaradas como aquelas em estado latente, ou a eterna preparação para elas, sempre foram grandes deflagradoras de desenvolvimento tecnológico e da eficácia da transmissão de informação. Foi nesse cenário, durante a década de 60, em plena Guerra Fria, que teve origem a rede mundial de computadores, criada para a Defesa americana como meio de garantir a salvaguarda dos segredos militares caso fossem atacados pela União Soviética. O ataque não ocorreu, mas a semente para o maior fenômeno midiático da história estava lançada e, a partir da década de 70, o governo americano permitiu que pesquisadores desenvolvessem projetos relacionados à troca e ao

¹⁰ LEMOS, Briquet. Periódicos eletrônicos: problema ou solução? In: Encontro Nacional de Editores Científicos, 10. São Pedro, SP, em 30 de novembro de 2005. *Palestra pronunciada no* Disponível em: http://www.briquetdelemos.com.br/briquet/briquet_lemos7.htm. Acessado em: 10 nov. 2007.

¹¹ HARTER, Stephen P.; KIM, Hak Joon. Electronic journals and scholarly communication: a citation and reference study". *Information Research*, v. 2, n. 1, 1996. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/2-1/paper9a.html>. Acessado em 12 abr. 2006.

¹² MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. Disponibilizado em: <http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-503.pdf>. Acessado em: 7 de out. 2007.

¹³ MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. Disponibilizado em: <http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-503.pdf>. Acessado em: 7 de out. 2007.

¹⁴ MUELLER, Suzana P. M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, n. zero, dez. 1999. Quarto artigo. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez99/Art_04.htm. Acessado em 6 nov. 2007.

compartilhamento de informações. Deve-se registrar que em 1962, no Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT), discutia-se a “Rede Galática” que tinha como objetivo essa troca de informações via computadores.

Esse novo espaço possibilitou novas formas de comunicação e o surgimento de uma enorme diversidade de atores, que passaram a se relacionar e trocar informações com seus pares e a terem acesso a ambientes acadêmicos antes restritos àqueles que tinham a chancela das instituições de prestígio. A partir dos anos 90, foi introduzido o periódico eletrônico como um novo tipo de suporte para a informação, causando um grande impacto na divulgação científica. Após um rápido período de aprendizado e aceitação, a facilidade, o baixo custo, a rapidez e, de certa forma, uma maior democratização da divulgação científica foram fatores preponderantes para a utilização crescente desse novo meio.

Os periódicos eletrônicos

A idéia de periódico eletrônico não é tão recente. Já em 1973, Sondak e Schawartz falavam do *paperless journal* (periódico sem papel), prevendo sua distribuição em meio eletrônico que seria lido em computadores ou através microfichas. Couzinet e Muszkat, *apud* Miranda e Simeão,¹⁵ nos mostram que a primeira experiência de inclusão de uma publicação primária na rede mundial de computadores foi com o *Electronic Information System* em 1978, no Instituto de Tecnologia de Nova Jérsei (EUA). “Posteriormente, surgem o *Computer Human Factors* (1980-1984) na Inglaterra e o *Journal Revue* (1984-1987) na França”.

No início de sua implementação, esse tipo de suporte apresentava algumas desvantagens, como a falta de computadores, que não eram tão populares na época, o alto custo dos primeiros *e-journals* e a baixa qualidade, que comprometia a leitura. Além disso, a grande rede de computadores não havia atingido o grau de popularidade que tem atualmente, dificultado a troca de informação e mantendo esse tipo de suporte restrito a um pequeno grupo.¹⁶ Isso tornava esse suporte um meio tão ou mais discriminatório do que o impresso, mantendo muitos de nossos cientistas à margem das grandes discussões.

Com os avanços tecnológicos, essas dificuldades foram ultrapassadas e os periódicos eletrônicos passaram a ser uma arma largamente utilizada pelos pesquisadores para disseminar suas pesquisas e suas idéias. Dessa forma, surgia um meio para superar o problema da falta de investimento que se refletia na inconstância das publicações impressas e, também, na dificuldade de mantê-las sem falhas, o que acabava por bani-las das principais bases de dados, não importando a qualidade do seu conteúdo.

Assim, o periódico eletrônico pareceu ser uma forma para solucionar os problemas enfrentados pelos pesquisadores de países que não tinham tradição de investimentos em pesquisas. Porém, isso não o eximiu de algumas críticas. Talvez, a principal seja que ainda existem poucas tentativas de usar esse suporte diferentemente do suporte impresso. Existe um desperdício de recursos tecnológicos que poderiam ser mais bem aproveitados na publicação desses periódicos em vez de apenas na mera repetição do formato impresso.

¹⁵ MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira. Uma proposta conceitual para a massa documental considerando o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. *Biblos*, año 4, no. 15, Abr/Jun. 2003. Disponível em: http://eprints.rclis.org/archive/00002414/01/2003_015.pdf. Acessado em: 6 pot. 2007.

¹⁶ Cf. em CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Periódicos científicos eletrônicos: identificação de características e estudo de três casos na área de Comunicação. In: ENCONTRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005. *Trabalhos apresentados no evento*. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18451/1/R2033-1.pdf>. Acessado em: 7 out. 2007.

Miranda e Simeão¹⁷ apontam que toda a liturgia que acompanha o periódico impresso vem se repetindo no formato eletrônico: “O periódico eletrônico iniciou sua migração para a rede levando consigo rituais de produção e critérios tradicionais de avaliação”.

Mecanismos voltados para a recuperação da informação

Ao mesmo tempo em que o periódico eletrônico pode ser apontado como uma solução mais igualitária, pois permitiu uma publicação a custo mais baixo, ele colaborou para intensificar o problema da explosão bibliográfica, tornando mister o desenvolvimento de ferramentas que possam minimizar o caos informacional. Isso faz com que as pesquisas fiquem cada vez mais dependentes de meios tecnológicos que possam reunir, organizar e recuperar a informação de maneira mais eficaz. Como já foi mencionado, essa dificuldade começou muito antes do advento da rede mundial de computadores. Desde a detecção do fenômeno da Explosão da Informação, os profissionais dessa área vêm aprimorando métodos para resolver essa questão. Já nas décadas de 1960 e 1970, Price e Herschman, citados por Miranda e Pereira¹⁸, chamavam a atenção para a importância dos periódicos secundários (de alerta e de resumo).

Com o melhor uso da tecnologia, as bases de dados referenciais começaram a ganhar importância e foram evoluindo em suporte e em mecanismos de buscas, até chegarem às bases de textos completos, uma das maiores aliadas dos pesquisadores.

Embora o desenvolvimento das bases de dados tenha tornado a organização e a recuperação da informação mais eficazes, a marginalização das informações científicas provenientes de países sem tradição de pesquisa permaneceu, repetindo-se os mesmos pecados dos periódicos impressos, que davam voz e destaque aos pesquisadores de países nos quais as pesquisas obtinham fortes subsídios.

No Brasil, o acesso a bases de dados e aos periódicos eletrônicos vem sendo facilitado, principalmente, pela iniciativa governamental, através da criação do Portal de Periódicos administrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação. O sistema anterior, denominado Programa de Apoio de Aquisição de Periódicos (PAAP), vinha, em meados da década de 90, sofrendo significativos cortes de verbas, o que acarretava um decréscimo dramático do número de títulos estrangeiros assinados pelas instituições de ensino superior federais, principalmente àquelas em que as coleções de periódicos que atendiam aos seus programas de pós-graduação eram mantidas, quase que exclusivamente, com a verba proveniente do PAAP. Em 2000, o Portal de Periódicos veio a substituir o PAAP. Além de racionalizar os gastos, ele tornou-se um instrumento mais democrático de acesso à informação, pois, a partir da disponibilização de todos os títulos nele contidos, seu conteúdo passou a ser acessado igualmente por todas as instituições federais de ensino superior, grandes ou pequenas. Esse fato tem sido determinante para quebrar um ciclo vicioso que comprometia o processo anterior. Neste, as grandes instituições recebiam verbas maiores para a assinatura de periódicos, permitindo que seus pesquisadores

¹⁷ MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira. Op. Cit.

¹⁸ MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. Disponibilizado em: <http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-503.pdf>. Acessado em: 7 de outubro de 2007.

produzissem mais, que seus programas de pós-graduação tivessem conceitos melhores e que sua produção acadêmica fosse maior, garantindo, assim, uma avaliação melhor e o conseqüente recebimento de verbas maiores.

Embora o acesso às revistas internacionais e às bases referenciais, tidas como as de maior credibilidade no mundo acadêmico, tenha ficado mais democrático, permanecia a barreira enfrentada pelos pesquisadores para que seus artigos fossem publicados e suas revistas reconhecidas a fim de integrar essas bases de dados, agora facilmente acessadas pelos membros da academia.

Portais

A grande rede possibilitou novas formas de comunicação e uma grande diversidade de atores passou a se relacionar e trocar informações com seus pares, acessando ambientes acadêmicos antes restritos àqueles que tinham a chancela das instituições de prestígio (ambientes de livre comunicação). Surgem, então, os movimentos de acesso livre ao conhecimento, como os repositórios de *e-prints*, o *open archives initiative*, a Arena Científica, o Movimento de Acesso Aberto Brasil.

Essa possibilidade ilimitada de receber e enviar informações e de acesso às mais variadas fontes de informação vem causando não só o aparecimento de informações que não eram validadas como também a impossibilidade de recuperar tanta informação dispersa na rede mundial de computadores.

Para tentar organizar essa informação, começaram a surgir os Portais e as bases de textos integrais, de consulta livre ou paga, que reúnem e disponibilizam informações a partir de seus critérios de seleção. Sem querer discutir a validade desses critérios, é fato que esses portais ou bases facilitam a busca da informação, uma vez que apresentam dados organizados de acordo com o perfil do segmento que visam atender.

Se, por um lado, esse caminho tem tido sucesso em reunir, organizar e disseminar a informação de forma mais eficaz, dando visibilidade às pesquisas e aos trabalhos integrantes dos Portais, por outro o que temos visto é que Portais mais acreditados não têm estrutura para agregar o número cada vez maior de revistas que se candidatam a fazer parte deles. Essa falta de estrutura, na maioria das vezes, vem desde a criação desse repositório, devido a uma tendência a subestimar a produção bibliográfica nacional.

Outro problema desses portais são os critérios de aceitação das revistas. O costume de copiar fórmulas de países desenvolvidos, com realidades totalmente diferentes, acaba por excluir publicações que não atendem a seus rígidos critérios. Talvez seja hora de pensar em novas formas de avaliação.

Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A UFRJ possui 139 cursos de graduação e 304 cursos de pós-graduação, 165 de *stricto sensu* e 139 de *lato sensu*, resultando em uma das maiores produções acadêmicas do país. São publicados mais de 50 títulos de periódicos, editados por unidades acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento e localizadas de forma dispersa na cidade do Rio de Janeiro. Essas características são as preferencialmente citadas como causa de uma fragmentação histórica na Universidade e como um dos fatores que levam ao desconhecimento da sua produção periódica científica. Até 2007, não havia como saber quais e quantos periódicos a UFRJ editava, e muito menos quem eram seus editores científicos.

Sendo necessário reunir essa massa dispersa de periódicos acadêmicos da Universidade e dar maior visibilidade às pesquisas e aos pensamentos dos membros da instituição, o Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) decidiu criar

um espaço democrático para abrigar todas as revistas correntes editadas nas unidades da UFRJ.

O processo teve início em novembro de 2006, quando o SiBI organizou o seminário “O periódico científico: avaliação e qualificação”, com o objetivo de fornecer, aos responsáveis pela publicação de periódicos na UFRJ, informações e elucidar algumas dúvidas sobre essa atividade. Esse seminário também serviu como fórum de debate, no qual foram discutidos os problemas e os anseios daqueles envolvidos com a disseminação da produção acadêmica da Universidade. Os problemas detectados anteriormente foram confirmados durante o seminário. O SiBI ficou ciente de outras dificuldades enfrentadas pelo corpo editorial dessas revistas, especialmente aquelas relacionadas à manutenção da regularidade das publicações e sua indexação em bases de dados, gratuitas ou não, e, conseqüentemente, a dificuldade de dar visibilidade às publicações da Instituição, principalmente as mais recentes. Também se percebeu que não existia um local que abrigasse todos os periódicos da Instituição, o que facilitaria a pesquisa de usuários internos e externos. Essa fragmentação das informações já havia sido detectada pelos profissionais do SiBI que atendem grande demanda de solicitações de artigos ou informações sobre determinada publicação da UFRJ.

O início do processo foi inventariar os títulos de periódicos editados na Universidade, para que se pudesse ter conhecimento de toda sua produção editorial periódica e engendrar uma ferramenta que desse visibilidade à produção científica registrada nesses periódicos. A primeira tentativa de reunir as publicações periódicas da UFRJ consistiu em listagens simples, com informações coletadas nas 43 bibliotecas da Universidade. Embora tenha havido um grande empenho por parte dos bibliotecários, o resultado atingido não foi satisfatório, obtendo a indicação de apenas 30 títulos de periódicos.

Embora esse número não correspondesse ao total real dos títulos publicados na Instituição, decidiu-se que esses periódicos seriam o ponto de partida para a criação do Portal de Periódicos da UFRJ. Começou, então o processo de capacitação de funcionários que pudessem utilizar as ferramentas necessárias para o empreendimento, incluindo a instrução sobre o processo de edição de uma revista eletrônica, o que poderia ser replicado aos editores da UFRJ.

Esse Portal lista as revistas eletrônicas, com *links* diretos para seus *sites*. Quanto aos periódicos impressos, suas capas, as folhas de rosto e as páginas de expediente (se existirem) são digitalizadas e disponibilizadas. Existe espaço para informações sobre o título, tais como, em que bases de dados ele é indexado, sua história ou qualquer outra que o corpo editorial julgar procedente. Os periódicos estão arranjados alfabeticamente, por centro e por unidade.

O Portal começou a funcionar outubro de 2007. Sua importância como instrumento de visibilidade para as revistas foi percebida pela comunidade acadêmica desde o início de sua divulgação, começando pela Reunião Plenária de Diretores e Decanos e posteriormente nos Conselhos da Universidade, na direção das unidades, nos departamentos etc. Logo percebeu-se que tal empreendimento traria benefícios, como a reunião, em uma única fonte, de publicações antes dispersas.

Embora a proposta seja de um repositório para todas as publicações periódicas, impressas ou eletrônicas, o SiBI possui funcionários capacitados a dar treinamento para aqueles que queiram migrar para o formato eletrônico ou manter os dois tipos de suporte.

Os editores das publicações vislumbraram a possibilidade de não só alcançar um número maior de leitores, como também de promover um maior intercâmbio,

expandindo o alcance de sua publicação, antes restrito a pequenos grupos dentro da mesma especialidade. Atualmente, o Portal conta com 53 títulos de periódicos e recebe uma média de 300 consultas mensais.

Outro aspecto relevante do Portal de Periódicos da UFRJ é a possibilidade de preservar a memória da Instituição, através da microfilmagem, digitalização e disponibilização dos periódicos retrospectivos, que por alguma razão deixaram de ser publicados, mas fazem parte da história acadêmica da Universidade. O primeiro a ser incluído foi a *Revista da Universidade do Rio de Janeiro*, primeira revista da Instituição e que fora batizada com o nome original da Universidade, que já está em processo de microfilmagem e digitalização. Em seguida, esse processo será expandido para outros títulos, após as autorizações devidas à sua edição na internet.

Considerações finais

Embora nosso Portal tenha tido o êxito esperado e esteja cumprindo o objetivo proposto de dar visibilidade à produção acadêmica publicada em periódicos editados pelos servidores (docentes e técnicos-administrativos) da UFRJ, além de ser um facilitador da busca dessa produção, temos consciência de que, com o avanço dos Portais e o contínuo crescimento dos documentos eletrônicos, a tendência é que ocorram os mesmos problemas que tentamos solucionar e, mais uma vez, tenhamos que buscar soluções para esse impasse. Afinal, uma das funções do bibliotecário é organizar a informação e esse trabalho deve evoluir na mesma medida da tecnologia e os meios de transmissão da informação. Uma solução que já se vislumbra seria a de unir nosso Portal a outros repositórios institucionais, ampliando o espectro da pesquisa acadêmica.

No Rio de Janeiro, já existem indícios dessa percepção. Os bibliotecários das Instituições de Ensino Superior há algum tempo vêm trabalhando em soluções para facilitar o atendimento das necessidades informacionais dos usuários. Mais recentemente, quatro dessas instituições deram um passo concreto nessa direção, unindo seus catálogos e as bases de dados por elas assinadas em uma única ferramenta de busca.

Alertamos, contudo, que a democratização do periódico científico deve estar aliada à qualidade, não devendo prescindir da avaliação dos pares, garantindo a credibilidade que, desde sua origem, foi uma das funções básicas do periódico científico.

Referências

ALMEIDA, Carlos C. de; BASTOS, Flavia Maria; BITTENCOURT, Fernando. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. *Revista Eletrônica Informação e Cognição*, v.6, n.1, p.68-89, 2007. Disponível em www.portalppgci.marilia.unesp.br/reic/include/getdoc.php?id=213&article=63&mode=pdf. Acessado em 4 nov. 2007.

BARRETO, Aldo. A Liberdade das Vozes. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, v.4, n.6, dez. 2003. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez03/Art_01.htm. Acessado em 22 out. 2007,

_____. Sistemas de informação. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, v.8, n.5, out. 2007. Colunas. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out07/lnd_com.htm. Acessado em: 7 nov. 2007.

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003

_____. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.16 n.44, jan./abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100010&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 18 de Outubro de 2007.

CORRÊA, Cynthia H. W. et. al. *Periódicos da área de comunicação: mapeamento da temática e autoria dos artigos*. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18459/1/R1141-3.pdf>. Acessado em: 17 out. 2007.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Periódicos científicos eletrônicos: identificação de características e estudo de três casos na área de Comunicação. In: Encontro de Informação em Ciências da Comunicação, 2005. *Trabalhos apresentados no evento*. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18451/1/R2033-1.pdf>. Acessado em: 7 out. 2007.

DAVYT, A.; VELHO, L.: A avaliação da ciência e a revisão por pares: passado e presente. Como será o futuro? *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7., n. 1, p. 93-116, mar.-jun. 2000.

HARTER, Stephen P.; KIM, Hak Joon. Electronic journals and scholarly communication: a citation and reference study". *Information Research*, v. 2, n. 1, 1996. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/2-1/paper9a.html>. Acessado em 12 abr. 2006

LEMONS, Briquet. Presente e futuro do periódico científico. *Correio Braziliense*, Brasília 13 jul. 1968, Caderno Cultural, p. 3. Disponível em http://www.briquetdelemons.com.br/briquet/briquet_lemos6.htm. Acessado em: 26 out. 2007.

MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira. Uma proposta conceitual para a massa documental considerando o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. *Biblos*, año 4, no. 15, Abr/Jun. 2003. Disponível em: http://eprints.rclis.org/archive/00002414/01/2003_015.pdf. Acessado em: 6 out. 2007.

MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 375-382, set./dez. 1996. Disponibilizado em: <http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci%5B1%5D.Inf-2004-503.pdf>. Acessado em: 7 de out. 2007.

MUELLER, Suzana P. M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *DataGramaZero: revista de Ciência da Informação*, n. zero, dez. 1999. Quarto artigo. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez99/Art_04.htm. Acessado em 6 nov. 2007.

SOUZA, Eliana Pereira Salles de. Publicação de revistas científicas na Internet. *Braz J Cardiovasc Surg*, v. 21, n. 1, p. 24-28, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bjcvsv21n1/a06v21n1.pdf>. Acessado em 25 out. 2007

SCHULTZE, Silvana. *Características de periódicos científicos produzidos por editoras universitárias brasileiras*. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/36/34>. Acessado em 10/10/2007

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. *Ciência da Informação*, vol 25, n. 3, 1996 www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=846&article=504&mode=pdf acessado em 22 out. 2007.

WEITZEL, Simone R.; FERREIRA, Sueli Mara S.P. Arena Científica: um repositório da área das Ciências da Comunicação promovendo o acesso livre e o desenvolvimento científico, ago/2006. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18526/2/Arena+Cient%C3%ADfica.pp#272,16>, Algumas considerações sobre a área de comunicação no Brasil. Acessado em: 7 out. 2007.

